

Ainquilina
de Wildfell Hall

Anne Brontë

A Inquilina de Wildfell Hall

Tradução
Jéssica F. Alonso



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto traduzido do original em inglês
The Tenant of Wildfell Hall

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Anne Brontë

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Jéssica F. Alonso

Imagens
Apostrophe/Shutterstock.com;
Flower design sketch gallery/Shutterstock.com;

Preparação de textos
Otacílio Palareti

Apostrophe/Shutterstock.com;
Yurchenko Yulia/Shutterstock.com;
Pavlo S/Shutterstock.com

Revisão
Karine Ribeiro
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B869i	Brontë, Anne
	A inquilina de Wildfell Hall / Anne Brontë ; traduzido por Jéssica F. Alonso. - Jandira, SP : Principis, 2021. 512 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)
	Tradução de: The tenant of Wildfell Hall ISBN: 978-65-5552-508-3
	1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Alonso, Jéssica F. II. Título. III. Série.
2021-1705	CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Introdução

Anne Brontë cumpre uma dupla função nos estudos da obra e da vida das irmãs Brontë. Em primeiro lugar, sua presença sutil e delicada, sua breve e triste história, sua vida dura e a morte precoce entranham-se na poesia e na tragédia que sempre estiveram entrelaçadas com a memória das irmãs Brontë, tanto como mulheres quanto como escritoras. Em segundo lugar, os livros e poemas que ela escreveu funcionam como material de comparação para atestar a grandeza das suas duas irmãs. Anne serve de referência para a genialidade das irmãs: como elas, embora não com elas.

Muitos anos após o falecimento de Anne, seu cunhado reclamou de um suposto retrato que, aparentemente, passava uma impressão completamente equivocada da “querida e amável Anne Brontë”. Parece que foi, de fato, “querida” e “amável” por toda a sua vida. A mais nova e mais bela das irmãs tinha um rosto delicado, pescoço delgado e traços pequenos e agradáveis. Apesar disso, contava com toda a seriedade e força de vontade das Brontë. Quando o pai perguntou à pequena criança de 4 anos de idade o que ela mais queria, a pequena criatura respondeu: “idade e experiência”. (Se não fosse uma Brontë, seria impossível de acreditar!) Quando as três crianças começaram a criar juntas seus “textos dramáticos para as Ilhas”,

em 1827, Anne, na ocasião com 8 anos, escolheu Guernsey como sua ilha imaginária e a povoou com “Michael Sadler, Lorde Bentinck e Sir Henry Halford”. Emily e ela estavam sempre juntas, e há evidências de que compartilharam um mundo fantástico desde muito novas até se tornarem mulheres maduras. Parece que *As crônicas de Gondal* as divertiram por muitos anos e deram origem a inúmeros livros escritos em “letrinhas minúsculas”, cujos fac-símiles foram divulgados pelo senhor Clement Shorter. “Agora estou empenhada com a escrita do quarto volume da *Vida de Solala Vernon*”, afirma Anne aos 21 anos. Quatro anos mais tarde, Emily revela que “Gondal está mais próspero que nunca. No momento, estou escrevendo uma obra sobre a Primeira Guerra. Anne escreveu algumas matérias a esse respeito e um livro por Henry Sophona. Pretendemos nos manter firmes com esses traquinas enquanto eles nos divertirem, e fico feliz em afirmar que isso tem acontecido”.

É aprazível saber que a autora de *A inquilina de Wildfell Hall* divertia-se em Gondal, que escreveu as histórias de Solala Vernon ou Henry Sophona. Isso porque, tanto para ela quanto para suas irmãs, houve momento em que a potência da invenção foi capaz de transformar solidão e decepção em riqueza e conteúdo. Ao menos por um período, antes que uma experiência difícil e degradante tolhesse a primavera da sua juventude, substituindo o prazer desinteressado e espontâneo da vida e das brincadeiras imaginativas por uma triste sensação de dever e uma inexorável consciência da sua missão moral e religiosa, Anne Brontë escreveu histórias para se divertir e adorava os “traquinas” que criava.

Já em 1841, quando ouvimos sobre Gondal e Solala Vernon pela primeira vez, o material para vários outros livros já estava na cabeça da pobre Anne. Na ocasião, ela lecionava para uma família em Thorpe Green, onde Branwell uniu-se a ela como tutor em 1843 e onde, por eventos que continuam sendo um mistério, parece que Anne passou por uma provação que arruinou tanto sua saúde quanto seus nervos, não lhe deixando nada além das memórias melancólicas e repulsivas que posteriormente incorporou em *A inquilina de Wildfell Hall*. De fato, parece que, em partes, Anne foi vítima da mórbida imaginação de Branwell, a imaginação de um bêbado usuário de ópio. Todas as evidências recolhidas desde os escritos

da senhora Gaskell revelam que Branwell não foi nem o subjugador nem o vilão que suas irmãs acreditavam. Mas a pobre Anne acreditava que ele era responsável por si mesmo e, sem dúvida, notou na vida diária de Branwell as evidências de uma personalidade viciosa para tornar críveis os piores ultrajes. Parece que os últimos meses da sua estadia em Thorpe Green estiveram sob a nuvem de uma pavorosa e terrível suspeita, e ela ficou grata por se livrar dessa situação no verão de 1845. No mesmo período, Branwell foi dispensado da tutoria sem grandes explicações, e seu empregador, o senhor Robinson, escreveu uma carta severa queixando-se ao pai de Branwell, sem dúvida preocupado com os costumes desordeiros e imoderados do jovem rapaz. A senhora Gaskell escreve: “As mortes prematuras de ao menos duas das suas irmãs, ceifando todas as enormes possibilidades de suas jovens vidas, podem ser datadas de meados do verão de 1845”. Os fatos, tal qual os conhecemos agora, dificilmente suportam um julgamento tão forte. Não há evidências de que a conduta de Branwell tenha sido de alguma forma responsável pela enfermidade e pela morte de Emily, e Anne avalia o assunto de forma menos trágica no trecho recuperado recentemente pelo senhor Shorter. “Durante minha estadia (em Thorpe Green)”, ela escreve em 31 de julho de 1845, “tive algumas experiências bastante desagradáveis e indesejadas com a natureza humana... Branwell é tutor em Thorpe Green e sofre com vários tormentos e saúde debilitada... Esperamos que ele melhore no futuro.” E, no fim do documento, infelizmente parece que ela prevê os anos que estão por vir: “Eu não consigo ter uma cabeça mais velha ou mais lisonjeira do que tenho agora”. Trata-se da linguagem da decepção e da ansiedade; mas dificilmente se encaixa na trágica história que a senhora Gaskell acreditava.

Com certeza a história foi uma elaboração imaginativa e doentia de Branwell durante os três anos transcorridos entre sua dispensa de Thorpe Green e sua morte. Ele imaginou um romance pecaminoso entre si mesmo e a esposa de seu empregador, impondo a história terrível para suas irmãs. O ópio e o álcool são explicações satisfatórias, e não é preciso perder tempo resolvendo o sórdido mistério. No entanto, os vícios do irmão, reais ou imaginários, têm certa importância na literatura por causa dos efeitos causados em suas irmãs. Não há dúvidas de que a loucura opiácea de Branwell,

suas crises de embriaguez no Black Bull, sua violência em casa, seu discurso direto e grosseiro e sua perpétua ostentação de segredos pecaminosos influenciaram a imaginação de suas irmãs, que eram puras e inexperientes. Muito de *O morro dos ventos uivantes* e toda a obra de *A inquilina de Wildfell Hall* trazem a marca de Branwell, e os livros de Charlotte também contam com várias passagens nas quais aqueles que conhecem a história do presbitério são capazes de ouvir a voz daquelas pungentes repulsas morais, dos lúgubres questionamentos morais originados pela má conduta e pela ruína de Branwell. O destino do irmão tornou-se um elemento da genialidade de Emily e Charlotte, ambas fortes o bastante para assimilá-lo. Ele pode ter-lhes causado algum dano e enfraquecido certas percepções de sutileza ou sanidade, mas, no fim, graças à curiosa alquimia do talento, foi-lhes muito mais vantajoso do que prejudicial, à medida que lhes agitou as águas da alma, aproximando-as das realidades mais desoladas da nossa “frágil e decaída humanidade”.

Mas Anne não era forte o bastante, seu dom ainda não estava muito maduro para permitir a ela transmutar sua experiência e seu pesar. É provável que, ao deixar Thorpe Green em 1845, ela já estivesse padecendo daquela melancolia religiosa cuja lastimável evidência Charlotte descobriu em seus escritos após o falecimento. Aquilo não influenciou muito a escrita de *Agnes Grey*, obra concluída em 1846 e que reflete os pequenos incômodos e desconfortos percebidos durante sua experiência como governanta, mas, em combinação com a crescente decadência moral e física de Branwell, gerou o implacável mandato de consciência sob o qual escreveu *A inquilina de Wildfell Hall*.

“Sua natureza era espontaneamente sensível, reservada e deprimida. Ela odiava aquele trabalho, mas o finalizou. Foi uma obra escrita para ser um alerta”, afirmou Charlotte no ridículo prefácio de 1850, no qual esforçou-se para explicar ao público como uma criatura tão delicada e boa quanto Acton Bell foi capaz de escrever um livro como *A inquilina de Wildfell Hall*. Na segunda edição da obra, publicada em 1848, a própria Anne Brontë justificou seu romance em um prefácio reimpresso neste volume pela primeira vez. O pequeno prefácio é um documento curioso.

A INQUILINA DE WILDFELL HALL

Tem o mesmo tom didático e determinado que permeia o livro, o mesmo estreitamento de perspectiva e a expressão inflada que não se devem a nenhum egotismo particular da escritora, mas à afabilidade e à inexperiência que ainda a encorajam sob o estímulo da religião para que ela conclua sua desagradável e repulsiva tarefa. “Eu sabia que tais personagens” (como Huntingdon e seus camaradas) “de fato existem e, se eu conseguir evitar que algum jovem precipitado siga seus passos, então o livro não terá sido escrito em vão.” Se a história causou mais dor que prazer a “algum leitor honesto”, a escritora pede seu perdão, pois sua intenção passava longe disso. Porém, ao mesmo tempo, ela não é capaz de prometer limitar sua ambição à entrega de inocentes prazeres ou à elaboração de “uma obra de arte perfeita”. “Considero um desperdício e um mau uso o tempo e o talento assim gastos.” Deus deu a Anne verdades desagradáveis de serem ditas, e ela precisava dizê-las.

Segundo sua irmã, Anne suportou as interpretações equivocadas e os ultrajes “como se fosse um hábito seu suportar qualquer desgosto com moderada e constante paciência. Era cristã praticante e muito sincera, mas a matiz da melancolia religiosa conferiu um tom triste à sua breve e inocente vida”.

Contudo, apesar das interpretações equivocadas e dos ultrajes, *A inquilina de Wildfell Hall* parece ter obtido um sucesso imediato maior do que qualquer outra coisa escrita pelas irmãs antes de 1848, com a exceção de *Jane Eyre*. Ganhou uma segunda edição dentro de pouquíssimo tempo após sua publicação, e os senhores Newby informaram aos editores norte-americanos, com os quais negociavam, que o trabalho havia sido produzido pelas mesmas mãos que criaram *Jane Eyre*, mas era superior tanto a este quanto a *O morro dos ventos uivantes*. De fato, a prática afiada vinculada a essa maravilhosa avaliação resultou na apressada viagem das irmãs a Londres em 1848: a famosa viagem na qual as duas pequenas damas de preto revelaram-se ao senhor Smith, provando que não eram um Curren Bell, mas duas senhoritas Brontë. Foi a única viagem de Anne a Londres e seu único contato com um mundo diferente de Haworth, exceto por sua vida escolar em Roehead e seus dois empregos como professora.

Houve e há uma considerável habilidade narrativa e uma sutil energia moral em *A inquilina de Wildfell Hall* que, de fato, não seriam suficientes para manter a obra viva se não fosse o trabalho de uma Brontë, mas que ainda traem seu parentesco e sua origem. As cenas da perversidade de Huntingdon são menos interessantes, também menos improváveis, que as cenas na casa de campo de *Jane Eyre*; a história da morte dele conta com várias passagens verdadeiras e comoventes; a última cena de amor é bem escrita, em partes de forma até admirável. Mas a verdade do livro, enquanto verdadeiro, dificilmente é a verdade de imaginação; trata-se mais da verdade de um tratado ou de um relato. Restam poucas dúvidas de que muitas das páginas são transcrições bastante fidedignas da conduta e do linguajar de Branwell, considerando que a personalidade vulnerável de Anne lhe permitiu traduzir o temperamento do irmão, que era mais próximo do de Emily que do seu. É possível que o mesmo material tenha sido utilizado por Emily ou Charlotte. Emily, como sabemos, aproveitou-o em *O morro dos ventos uivantes*, mas somente após passá-lo por aquela infável transformação, aquela elevação misteriosa e incomunicável que faz e eleva a literatura. Houve em Emily e em Charlotte certa correspondência sutil e inata entre o olho e o cérebro, entre o cérebro e a mão, que está ausente em Anne. Não há outra consideração a se fazer a esse respeito nem qualquer outra diferença entre um talento servil e os elevados dons de “Delos e Patara do próprio Apolo”.

A mesma vastidão de diferenças aparece entre seus poemas e os de sua amiga e companheira Emily. Se nossos descendentes algum dia fundarem as escolas para escritores, até hoje sob ameaças ou ataques, é possível que dificilmente entendam melhor do que nós o que é a genialidade ou como podemos motivá-la. Porém, se tentarmos aprender com exemplos, Anne e Emily Brontë servirão bem. Vejamos os versos escritos por Emily em Roehad, que contêm as belas linhas já citadas por mim em uma introdução anterior.¹ Pouco antes, há dois ou três versos que valem ser comparados

¹ Introdução de *O morro dos ventos uivantes*. “Tranquilo, como eu ruminava o quarto vazio”, etc. (N.T.)

A INQUILINA DE WILDFELL HALL

com um poema de Anne chamado *Home*. Emily tinha 16 anos quando o escreveu; Anne, por volta de 21 ou 22 anos. O tema das duas irmãs é a desejosa nostalgia de casa durante o exílio. As linhas de Emily são repletas de falhas, mas trazem uma qualidade indubitável (neste caso, sem dúvida, ainda em botão, como uma promessa) que, nas de Anne, é completamente ausente. Na penumbra do dormitório escolar em Roehad, Emily reflete sobre a campestre cidadezinha de Haworth e a pequena casa de pedra aninhada no cume:

*Há um lugar nas inférteis colinas
Onde o inverno assola e a chuva castiga
E quando chega a tempestade fria
Há uma luz que calor bendiga.*

*A casa está velha, as árvores, secas
Não há lua no domo crepuscular
Mas o que tanto se ama, tanto se anseia
Quanto o aconchego do lar?*

*O pássaro mudo pousado na pedra
Os espinheiros mirrados, a sebe crescida
O musgo úmido penso na parede
Ó, como eu amo! Amo como a minha vida!*

Os versos de Anne, escritos em uma das casas nas quais foi governanta, expressam exatamente os mesmos sentimentos e o movimento da memória. Mas percebe a precisão e a rapidez instintivas de Emily e a fraqueza difusa de Anne.

*Ao jardim distante, belo e selvagem
Aos seus bosques de sempre-vivas
Sebes sinuosas, margens arbustivas
E o veludo da relva altiva*

ANNE BRONTË

*Leve-me de volta àquele lugar
Circundado por cinzentos muros
Onde a grama esquecida jaz
Pela erva daninha posta em apuros.*

*Embora o entorno desta mansão
Convide os pés a perambular
E haja belos saguões a se ver
Ó, traga de volta meu Lar!*

Há um paralelo semelhante entre os versos de *Domestic Peace*, de Anne (uma reflexão triste e real da terrível época com Branwell em 1846), e *Wanderer from the Fold*, de Emily; as últimas linhas de Emily revelam como o espírito aventureiro da irmã com o dom mágico a separa para sempre da piedade delicada e usual da irmã à qual tal dom foi negado. Embora as últimas linhas de Anne (“*I hoped that with the brave and strong*”) revelem doçura e sinceridade, elas ganharam e asseguraram seu lugar nos versos ingleses religiosos e devem sempre apelar àqueles que amam as irmãs Brontë, pois, na linguagem da fé e submissão cristãs, registram a morte de Emily e o carinho apaixonado com os quais suas irmãs a carregavam.

Portanto, voltamos ao ponto de partida. Anne Brontë não foge do esquecimento por ter sido a escritora de *A inquilina de Wildfell Hall*, mas por ser irmã de Charlotte e Emily Brontë, a frágil pequenina que as outras duas abastavam de cuidados delicados e protetores, que testemunhou a morte de Emily e que, alguns minutos antes de dar seu próprio adeus à vida, mandou que Charlotte “fosse corajosa”.

“Quando penso em Anne”, Charlotte escreveu muitos anos antes, “sempre a vejo como uma desconhecida paciente e oprimida, mais sozinha, menos dotada da capacidade de fazer amigos que eu tenho.” Mais tarde, contudo, parece que essa capacidade de fazer amigos pertenceu mais a Anne do que às outras. Sua gentileza conquistava; não foi afastada pelas solitárias e autossuficientes atividades de grandes poderes como elas foram; seu cristianismo, apesar de triste e tímido, era compreensível para aqueles

A INQUILINA DE WILDFELL HALL

ao seu redor; não travou uma luta deprimente com sofrimento e morte, como Emily fez. A irmã cansou da vida de forma “consciente, arquejante e relutante”, para usar as próprias palavras de Charlotte; os sofrimentos de Anne eram moderados, sua mente “geralmente era serena”, e ela, no fim, “agradeceu a Deus por a morte ter chegado de forma tão gentil”. Quando Charlotte voltou à desolada casa em Haworth, o grande cachorro de Emily e o pequeno *spaniel* de Anne a receberam de um “jeito estranho e comovente”, como escreveu posteriormente ao senhor Williams. Charlotte ficou sozinha e tornou-se herdeira de todas as memórias e tragédias daquela casa. Assumiu novamente a vida e o trabalho. Cuidou do pai; voltou a escrever *Shirley* e, ao falecer, quatro anos depois, tinha aproveitado esse período para perceber que tudo o que tinha feito, mas também o que tinha amado, silenciosamente aconteceu para que mantivesse a fama. A tocante e agradável tarefa da senhora Gaskell estava pronta para ela, e Anne certamente faria parte das lembranças da Inglaterra, não menos que Charlotte ou Emily.

MARY A. WARD



Prefácio da autora à segunda edição^{2,3}

Embora eu reconheça que o sucesso do presente trabalho seja superior ao que eu tinha previsto e que os elogios evocados por alguns críticos vão além do merecido, também preciso admitir que a censura provinda de outras bandas tem sido feita com uma aspereza para a qual tampouco estava preparado, e minha avaliação, assim como meus sentimentos, garantem-me ser mais excessiva do que justa. Certamente não é do âmbito de um autor refutar os argumentos de seus censores e vindicar suas próprias produções, mas permito-me fazer algumas observações que eu teria incluído no prefácio da primeira edição se tivesse antecipado a necessidade de tais precauções contra os equívocos daqueles que leriam o presente trabalho com uma mente preconceituosa ou que se satisfazem em julgá-lo após um breve relance.

Meu objetivo ao escrever as páginas a seguir não era apenas deleitar o leitor, tampouco satisfazer meu próprio gosto ou ainda conquistar a

² A obra foi inicialmente publicada sob o pseudônimo masculino de Acton Bell. (N.T.)

³ Prefácio incluído pela primeira vez em uma edição de colecionador das obras das irmãs Brontë. (N.T.)